

Rastros do traumático: reverberações da violência sexual infantil no sujeito adulto

Renata Pacheco de Oliveira¹

Carina Freitas Passos²

Marcelo Hayeck³

Resumo

Este artigo parte da inquietação sobre os impactos do trauma da violência sexual vivenciada na infância e seus desdobramentos na vida adulta. Como objeto de estudo, apresenta-se a investigação de uma carta publicada em meios abertos de acesso à informação, cuja vítima conseguiu, na vida adulta, denunciar o autor da violência sexual, na qual o enredo de seu relato trouxe a possibilidade da análise dos elementos discursivos, visando à elucidação teórica da noção de trauma pelas leituras nas teorias psicanalíticas de Freud e de Ferenczi. Objetivou-se expor construções teóricas sobre o trauma a partir da perspectiva psicanalítica iniciada com o estudo da histeria feito por Freud, buscando compreender os rastros traumáticos da violência sexual na organização psíquica dos sujeitos, sobretudo considerando os desdobramentos e as manifestações sintomáticas na vida do adulto vítima de violência sexual na infância. Dessa forma, a análise da carta publicada, que dá voz ao sujeito, situa-se como objeto para acesso ao inconsciente amparada pela perspectiva de que toda pesquisa em psicanálise é clínica, mesmo que o campo não seja o clínico, por sustentar o método de pesquisa que promove o acesso à compreensão dos impactos do trauma no psiquismo. A pesquisa em Psicanálise permitiu rastrear a singularidade do sujeito que promove a problematização que interessa à compreensão do fenômeno social da violência sexual e a implicação na prática clínica. Nesse cenário, revelou-se imprescindível compreender as reverberações nos sujeitos adultos sobre a violência sexual vivenciada na infância, dando ênfase aos efeitos do desmentido e aos mecanismos de defesa criados inconscientemente pela vítima para tentar lidar com o traumático, ampliando a perspectiva de análise para o entendimento do sujeito e de seus sintomas para a ressignificação sobre o resto que persiste do trauma, os rastros do traumático.

Palavras-chave: Rastros do traumático, Psicanálise, Violência sexual infantil

1 Graduada em Psicologia pela Faculdade Uberlandense de Núcleos Integrados de Ensino, Serviço Social e Aprendizagem (UNIESSA) (Minas Gerais, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-9965-3214>. E-mail de contato: renatapacheco.oliveira@gmail.com.

2 Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), mestre em Psicologia na Linha de Pesquisa em Psicanálise e Cultura pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), especialista em Trabalho Social com Famílias, especialista em Teoria Psicanalítica e coordenadora e professora adjunta do Curso de Psicologia da Faculdade Uberlandense de Núcleos Integrados de Ensino, Serviço Social e Aprendizagem (UNIESSA) (Minas Gerais, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-7326-7779>. E-mail de contato: carina.passos@uniessa.com.br.

3 Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), mestre em Psicologia na linha de pesquisa em Psicanálise e Cultura pelo Instituto de Psicologia da UFU, especialista em Psicopedagogia e professor adjunto do Curso de Psicologia da Faculdade Uberlandense de Núcleos Integrados de Ensino, Serviço Social e Aprendizagem (UNIESSA) (Minas Gerais, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8605-5966>. E-mail de contato: marcelo.hayeck@uniessa.com.br

Introdução

Este artigo parte da inquietação sobre os impactos do trauma da violência sexual vivenciada na infância e seus desdobramentos na vida adulta. O questionamento sobre o sofrimento em sujeitos adultos que vivenciaram situações de violência sexual na infância e silenciaram ou foram silenciados pela invalidação de suas denúncias, visando a compreender as reverberações do trauma, justifica-se por possibilitar acesso ao inconsciente sustentado pela pesquisa em Psicanálise. Importante destacar que se entende como reverberação, apropriando-se do significado do conceito na Física, aquilo que ecoa, que persiste em manifestar mesmo após a fonte de sua emissão ter sido extinta e que permanece e insiste por estar em recinto fechado (“Reverberar”, 2024). Nessa perspectiva, apresentam-se fragmentos de um caso público de violência sexual na infância para ilustrar o sentido do traumático para a Psicanálise, versando sobre como os rastros da violência sexual se manifestam no sujeito adulto e os efeitos de sua denúncia.

Conforme mencionado, como objeto de estudo, apresenta-se a análise de uma carta publicada em meios abertos de acesso à informação, cuja vítima conseguiu, na vida adulta, denunciar o seu agressor, em que os elementos discursivos são analisados, visando à investigação da teórica da noção de trauma pelas leituras nas teorias psicanalíticas de Freud e de Ferenczi. Objetivou-se expor construções teóricas sobre o trauma a partir da perspectiva psicanalítica iniciada com o estudo da histeria feito por Freud, buscando compreender os rastros traumáticos da violência sexual na organização psíquica dos sujeitos, sobretudo considerando os desdobramentos e as manifestações sintomáticas na vida do adulto vítima de violência sexual na infância.

Dessa forma, a análise da carta publicada, que dá voz ao sujeito, situa-se como objeto para acesso ao inconsciente, amparada pela perspectiva de que toda pesquisa em Psicanálise é clínica, mesmo que o campo não seja o clínico, por sustentar o método de pesquisa que promove o acesso à compreensão dos impactos do trauma no psiquismo. A pesquisa em Psicanálise justifica-se por abarcar a singularidade do sujeito que promove a problematização que interessa à compreensão do fenômeno social da violência sexual e à implicação na prática clínica. Nesse cenário, considera-se ser imprescindível compreender as reverberações nos sujeitos adultos sobre a violência sexual vivenciada na infância, dando ênfase aos efeitos do desmentido e aos mecanismos de defesa criados inconscientemente pela vítima para tentar lidar com o traumático, ampliando a perspectiva de análise para o entendimento do sujeito e de seus sintomas para a ressignificação sobre o resto que persiste do trauma, os rastros do traumático.

Importante salientar que, segundo a Lei nº 12.015/2009, violência sexual é qualquer ação de cunho sexual sem o consentimento expresso de alguma das partes, podendo ocorrer de diferentes maneiras, como constrangimento, intimidação, chantagem, força física e coações psicológicas. Primordial destacar que, para menores de 14 anos, mesmo havendo consentimento, perante a lei, será visto como estupro de vulnerável, pois entende-se que a faculdade do consentimento está além dessa idade mínima.

Dentro do escopo psicanalítico, a violência sexual pode ser interpretada como um ato praticado por um sujeito após um conflito interno, no qual se tem a divisão deste, de um

lado, o que a sociedade, impõe como regra e, do outro, o seu prazer, quando suas funções de autopreservação falham e há uma invasão pulsional (Freud, 1930/2006). Na criança vítima de violência, verifica-se o trauma como informação que o sistema nervoso tem problema para eliminar por meio de pensamentos coerentes, entretendo o processo de elaboração (Ferenczi, 1933/1992).

A pesquisa a partir do referencial teórico psicanalítico tem como fundamento um conglomerado de teorias utilizadas no entendimento dos processos inconscientes (Freud, 1923/2006; Paravidini, 2016), promovendo uma relação peculiar entre Psicanálise e Ciência, pois, enquanto a Ciência busca objetificar o sujeito por meio de informações predeterminadas, a Psicanálise busca individualizar o sujeito de acordo com o que este apresenta, promovendo visibilidade para a compreensão de fenômenos sociais a partir do singular. Dessa forma, busca-se demonstrar que a Psicanálise tem uma maneira própria de investigar; o psicanalista se direciona pelo que é apresentado na clínica e na análise do inconsciente, descartando a lógica racionalizante e criando uma fórmula própria (Guerra, 2010).

No texto “Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico”, Freud (1916-1917/2006) apresenta, de forma sucinta, que não ocorre diferenciação da fórmula para a maneira que é aplicada na clínica, pois, no trabalho de análise, tanto pesquisa quanto tratamento combinam. A Psicanálise resiste e insiste na atualidade, visto que se concentra no entendimento das manifestações da psique, promovendo a compreensão sobre a impossibilidade de se ter acesso total ao inconsciente; portanto, propõe, pelo trabalho analítico, o acesso ao incompreensível, às lacunas da falta de significação, suscitando que o sujeito permita conceber as brechas na lógica inconsciente (Herrmann, 2006).

O material de análise é uma carta denúncia veiculada por um jornal brasileiro, configurando um material de domínio público, em que a notícia apresentou a denúncia de violência sexual sofrida por uma mulher, que aponta seu pai como autor da violação de direitos. Seguindo o método interpretativo, a carta publicada como recorte de caso clínico, divulgado pela mídia e que retrata a história de uma mulher de aproximadamente 45 anos, que, para denunciar a violência sexual cometida pelo pai contra ela, escreveu uma carta de cinco páginas, relatando que as violências ocorreram durante cerca de 11 anos, tendo início entre 1986 e 1988 quando ela tinha aproximadamente oito anos de idade. Com o passar dos anos e com o entendimento do que estava acontecendo, decidiu relatar à mãe, que não acreditou em suas palavras. A execução deste trabalho justifica-se por partir da singularidade do sujeito investigado, visando à compreensão dos fenômenos sociais e que produzem implicações dos profissionais para pensarem a prática clínica. Destarte, é digno de nota mencionar que, após a primeira denúncia ser feita, outras foram feitas contra o mesmo agressor (“Em carta aberta”, 2023).

Ademais, considera-se tal opção viável, levando em consideração a Lei nº 12.527/2011, que assegura o acesso às informações de interesse público por meio de publicações em espaços acessível, e a Resolução nº 510/2016, que assegura uma verificação das perspectivas éticas, levando em consideração a proteção das informações e direitos dos participantes das pesquisas. Com isso, tem-se a possibilidade de realizar pesquisas a partir de notícias públicas, pois já são informações de domínio geral e não ocorre a apresentação de dados sigilosos ou que o indivíduo não queira divulgar.

Seguindo os parâmetros do Código de Ética Profissional do Psicólogo (Conselho Federal de Psicologia, 2005), que tem como base os princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos, como o bem-estar físico e psíquico do sujeito, livre-arbítrio e identidade de cada sujeito, o presente artigo não se propõe a realizar uma análise psicopatológica e individual da vítima, mas a ilustrar a teoria do trauma em Psicanálise sob a perspectiva do fenômeno social da violência sexual.

Importante salientar que a escrita de um trabalho voltado para a população vítima de violência sexual justifica-se ainda pelo aumento gradual e expressivo na quantidade de casos relatados nos últimos anos. Por meio do “Disque 100” (“Denunciar violação de direitos”, 2023), um serviço de denúncias anônimas, do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, as denúncias se tornaram mais frequentes, visto que garantem a segurança e o anonimato do denunciante. O serviço assegura a coleta, verificação e condução da denúncia de qualquer infração dos direitos humanos, principalmente dos grupos de vulnerabilidade. Segundo o Ministério da Saúde (2023), entre os anos de 2015 e 2021, foram feitas 202.948 comunicações de violência sexual cometidas contra crianças e adolescentes; destas, 119.377 foram cometidas contra crianças. Apenas no ano de 2021, foram feitas 35.196 notificações; destas, 76,9% são contra crianças. As vítimas são, em sua maioria, do sexo feminino.

A relevância deste trabalho reside na compreensão de como se estrutura o trauma na organização psíquica dos sujeitos, considerando os seus desdobramentos e as manifestações sintomáticas na vida do adulto vítima de violência sexual na infância. Tendo como princípio fundamental promover a conscientização, a prevenção e a garantia de direitos para combater essa grave violação dos Direitos Humanos, é esperado que este artigo possa contribuir para a compreensão do traumático fenômeno da violência sexual e dos seus efeitos no sujeito.

Psicanálise, trauma e violência sexual: uma breve contextualização teórica

Tem um episódio, na minha infância, que eu jamais esqueci. Eu deveria ter 8 ou 10 anos de idade. O fato aconteceu logo após o almoço. Tenho a lembrança de ter sido conduzida por um homem para dentro de um quarto. E foi lá dentro desse quarto que aconteceu o primeiro abuso (“Em carta aberta”, 2023).

A violência sexual é uma forma de agressão traumática para as vítimas. A Psicanálise apresenta uma linha teórica para se entenderem os efeitos adocedores da violência sexual e do trauma não elaborado. A teoria psicanalítica tem como base o inconsciente nos processos de subjetivação e na manifestação de sintomas. Portanto, trauma pode levar o sujeito a enfrentar estados de ansiedade, depressão e dificuldades nos relacionamentos interpessoais (Figueiredo, 2010).

Compreende-se que a violência sexual vai além do contato físico direto (carícias à conjunção carnal), sendo qualquer ato que introduza precocemente ao envolvimento com manifestações que se enquadram na violação de direitos, tais como exposição à apresentação de conteúdos pornográficos para crianças e adolescentes, criação de conteúdo sexual com fotos e vídeos ou o ato em que um sujeito em posição adulta no seu desenvolvimento

psicossexual realize a exibição do órgão sexual ou prática de voyerismo (“Novo boletim epidemiológico”, 2023).

Outras perspectivas apontam a violência sexual como a violação de direitos por uma relação de poder assimétrica do abusador e a submissão involuntária da vítima (Faleiros & Campos, 2000, p. 10). Por isso, o termo violência sexual é mais adequado, uma vez que engloba todos os pontos prejudiciais, pois o termo abuso foca apenas no ato de se impor sexualmente além do tolerado perante uma criança ou adolescente (Gabel, 1997).

Para a Psicanálise, o trauma está ligado a vivências ocorridas anteriormente, e não a acontecimentos recentes, visto que a condição do sujeito se embaralha com o infantil. Os traumas são as sensações recalçadas por terem sido experienciadas precocemente e podem ser conferidas como a causa das neuroses, ou seja, em sua etiologia (Besset et al., 2006).

Compreende-se que os traumas são, nessa perspectiva, experiências que deixam rastros no corpo do indivíduo ou captações sensoriais. Sendo observadas, escutadas, sentidas, são recordações de sensações que marcam o psiquismo por meio da manifestação de sintomas produzidos pela experiência traumática da apresentação do campo sexual de forma precoce e violenta (Besset et al., 2006; Figueiredo, 2010).

Autores contemporâneos apontam a relação entre o corpo – alvo de investimentos libidinais – e os traumas da violência sexual – que demandam vazão. Corpo esse que passa por um processo de integração apoiado por quem exerce as funções paterna e materna de tal modo que uma parte (física ou psíquica) não é isolada, mas sempre referenciada a um todo denominado Eu (Pohl & Neves, 2020). Há incontáveis formações substitutivas, mas alguns exemplos são pertinentes para citar; dentre os sintomas que se manifestam no corpo, estão as formas de automutilação (Castro, Neves, & Paravidini, 2023) e os prejuízos no autocuidado a ponto de fazer o sujeito enfrentar a possibilidade de morte (Rodrigues, 2022).

Considerando tais informações, é possível formular que, na criação do sintoma no adulto, encontram-se vestígios traumáticos advindos da violência sexual infantil.

Exposto isso, entende-se aqui que a violência sexual é um acontecimento, no qual o indivíduo não consegue integrar ao seu psiquismo ou faz tal integração de forma fragmentada, pois a violência ocorre a partir de uma interação sexual, na qual o sujeito não deseja esse tipo de contato, sem conseguir autorizar ou resistir, tampouco assimilar a complexidade da relação sexual para além do contato físico, abarcando a cultura e os desdobramentos do pacto civilizatório. Ademais, o sujeito pode ser submetido, seja de modo inesperado, sutil ou de forma inconsciente, ainda mais considerando a infância e a adolescência.

Dentro dessa perspectiva, é pressuposta a ocorrência do trauma, sendo um evento nodal, no qual o sujeito não consegue elaborar ou dar significado para o ocorrido, fabricando sintomas que nada mais são do que tentativas inconscientes de dar vazão à violência sexual. Ao sofrer uma violência sexual na infância, o sujeito tem uma grande dificuldade em interpretar e significar o ocorrido. Com isso, advêm o trauma e o sofrimento causados por ele, já que não se tem uma integração e uma elaboração satisfatórias do ocorrido.

Pelo trecho da notícia que inicia o presente tópico, a vítima descreve, de maneira breve, como ocorreu a primeira violência sexual. Ela tinha entre oito e dez anos e disse que

nunca esqueceu o ocorrido, porque, naquele momento, ela ainda não tinha consciência do acontecimento. Ela disse: “Tenho a lembrança de ter sido conduzida por um homem para dentro de um quarto” (“Em carta aberta”, 2023). Todavia, a violência sexual sofrida deixou um rastro em seu psiquismo, pois ela não conseguiu elaborar ou dar significado naquele período. Aqui, pode-se interpretar que ela não sabia o que de fato lhe havia ocorrido, mas entendia que algo naquela situação estava errado.

Ademais, segue outro trecho para a compreensão do evento traumático: “Eu não sabia se era carinho de pai ou se as coisas eram assim mesmo. Tinha só oito anos. Mas, conforme o tempo ia passando eu percebi que isso não era certo” (“Em carta aberta”, 2023).

Na análise desse trecho, fica posta a dificuldade da vítima, criança, em entender o que estaria acontecendo. No relato, é demonstrado que não havia a diferenciação se o que ocorria era “carinho de pai” ou era assim que acontecia mesmo, visto que só tinha oito anos. Diante do relato, depreende-se a confusão na linguagem, tal qual explicada por Ferenczi (1933/1992), pois esse tipo de contato cria um choque de diálogos, uma vez que a criança não compreende a transmissão violenta do sujeito adulto, havendo uma mistura entre o desconhecimento da criança e a sedução do adulto.

Ao explorar as contribuições da Psicanálise, depara-se com a relação intrínseca entre libido e trauma, perpassando pela investigação de mecanismos de defesa para o entendimento do impacto no psiquismo da violência sexual na infância. O entendimento da libido é de extrema importância para a constituição do trauma para Freud (1914/2006), visto que a libido é compreendida como uma energia que pode ser reprimida, deslocada ou dissipada.

Na constituição subjetiva, os mecanismos de defesa surgem como intercurso para a solução do conflito entre ego e uma vivência traumática, função ou sensação de angústia (Freud, 1894/2006). Perante esse tipo de situação, o indivíduo trabalha de forma inconsciente para que ocorra a recusa do acontecimento que causou tamanha tristeza.

Entre Freud e Ferenczi, Silva e Fontenele (2019) elaboram um paralelo sobre a teoria do recalque. Se para Freud o recalque envia para o inconsciente aquilo que é insuportável para o sujeito e surgem barreiras para evitar que o conteúdo retorne, Ferenczi indica a tentativa de eliminação de quaisquer rastros do traumático. Ambos implicam a necessidade de negação do evento insuportável, mas Ferenczi insere o conceito de desmentido para falar sobre a essência do traumatismo: uma confusão psíquica, em que “verdade” e “mentira” faz com o que o sujeito se perca em suas representações.

O trauma é uma experiência vivida pelo indivíduo que parece roubar parte da essência do sujeito em pouco tempo. É um acréscimo de estímulos inundando o sujeito a ponto que sua elaboração pelos recursos habituais fracassa, o que pode acarretar perturbações duradouras no funcionamento energético pulsional devido ao excesso de energia (Freud, 1916-1917/2006). Isso posto, o trauma pode ser entendido como capaz de desencadear as manifestações negativas no corpo e no aparelho psíquico do sujeito que emergem no sujeito, produzindo sofrimento e implicando a estruturação no descompasso da relação mente e corpo que lança o sujeito na estruturação histórica.

Em Freud (1893/2006), a histeria apresenta causas que têm como fundamento o traumatismo psíquico por qualquer vivência que possa causar efeitos aflitivos que operam

Oliveira, R. P.; Passos, C. F. & Hayeck, M.

um trauma. Essas manifestações vão proceder de acordo com o impacto no sujeito, em como os afetos suturam no sujeito seus efeitos traumáticos. É nesse contexto que surge na teoria freudiana a noção de trauma por meio das observações clínicas e estudos das mulheres histéricas, pois Freud (1899/2006) passou a observar que suas pacientes estavam em sofrimento em consequência de acontecimentos reais ou fantasiosos do passado. Para se entender o trauma, é preciso primeiro entender a teoria da sedução, que considera que a histeria acontece por meio de uma lembrança traumática associada a um acontecimento da vida real e provoca intensa carga afetiva no psiquismo do indivíduo.

O episódio traumático, com muita frequência, é algum acontecimento da infância que cria sintoma, o qual pode durar pelos anos seguintes (Freud, 1893/2006). Após o entendimento da teoria da sedução, Freud passou a dar atenção e continuidade à noção de fantasia, que são ferramentas psíquicas feitas para impedir o sujeito de ter acesso a uma recordação que serve paralelamente, para ser feita uma leitura individual e específica que ampara a realidade. É formulada por meio de elementos em que o sujeito tenha contato ou percebido de modo inconsciente, dessa maneira combinando fatos ouvidos e conhecidos, acontecimentos ocorridos e eventos que foram presenciados e interpretados pelo sujeito (Masson, 1986).

Para se entender por completo o trauma para Freud, o principal ponto a ser trabalhado é a noção de libido. É por meio dela que diferenciamos o trauma para Freud dos outros pontos da Psicologia e da Medicina. A libido pode ser compreendida como *quantum* energético, que pode ser retida, desviada ou descarregada. É conceito primordial para o entendimento do trauma, que tem como princípio a sobrecarga do aparelho psíquico, pois ele não consegue descarregar tais excitações (Freud, 1950[1895]/2006).

Violência sexual na infância: impactos no desenvolvimento do infantil

Senti uma tristeza profunda, senti medo, senti um nó na garganta, uma vontade de gritar. Eu não tive coragem de contar para ninguém sobre o ocorrido por ser muito constrangedor. O tempo foi passando, os abusos foram ficando cada vez mais frequentes, quase diários (“Em carta aberta”, 2023).

A violência sexual infantil pode ser definida como qualquer interação íntima entre a vítima e o autor da violência, em que a criança é colocada em lugar de objeto para satisfazer os desejos sexuais do indivíduo que está em estágio do desenvolvimento psicosssexual em maturação avançada (Habigzang & Caminha, 2004). Ainda sobre a forma como a violência sexual é conceituada, a interação no ato violento pode ser com penetração ou por outras manifestações, como carícias íntimas, toques e felação, sendo que a experiência da violência sexual pode afetar o desenvolvimento físico, psicológico e social (Ferrari & Vecina, 2002). Ao sofrer violência sexual na infância, os sintomas podem aparecer a qualquer momento, seja em um período de tempo perto do ocorrido ou no decorrer da vida do indivíduo. São eles: relacionamentos vagos, com pouca interação, falta de segurança no outro, problemas para se alimentar para mais ou para menos, ansiedade, dificuldade para dormir, medo excessivo, que são os sintomas mais comuns na infância (Day et al., 2003).

Oliveira, R. P.; Passos, C. F. & Hayeck, M.

Na fase adolescente ou adulta, que é quando o sujeito tem o entendimento do sexual, podem ocorrer sintomas, como ideação de autoextermínio, abuso de substâncias e problemas sexuais, como falta de desejo, aversão a qualquer prática sexual ou desejo excessivo por sexo (Romaro & Capitão, 2007). Essa violência assim como outras violam o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que tem como objetivo proteger e garantir todos os direitos dessas crianças (Lei n 8.069, de 13 de julho de 1990).

No trecho da notícia destacada no início deste tópico, é descrito como a vítima se sentia com a ocorrência das violências sexuais cometidas contra ela. Ela disse: “Senti uma tristeza profunda, senti medo, senti um nó na garganta, uma vontade de gritar”. Ela se sentia muito envergonhada com a situação, já entendia que era errado e que deveria contar para alguém, mas não conseguia: “Eu não tive coragem de contar para ninguém sobre o ocorrido por ser muito constrangedor” (“Em carta aberta”, 2023). Com o passar do tempo e com o aumento da violência, veio o entendimento do que realmente aconteceu, pois é na fase da adolescência que geralmente o indivíduo tem entendimento do sexual. Nesse período, podem aparecer ou se intensificarem sintomas, como a falta de confiança no outro, o medo ao extremo que pode evoluir para uma síndrome do pânico, a auto rejeição ou a idealização de autoextermínio.

A vivência da violência sexual prejudica a saúde psíquica da criança ou do adolescente, visto que, em ambas as fases, se realizam movimentações libidinais que impactam o desenvolvimento psíquico e físico, criando entraves e fixações, resultados prejudiciais para o indivíduo, uma vez que a criança está em processo de construção do psiquismo e o adolescente está em processo de construção e entendimento da sexualidade (Romaro & Capitão, 2007).

No caso de vítimas de violência sexual na infância, as experiências recalçadas são reatualizadas e lembradas; em suma, retornam na vida adulta, possibilitando a compreensão das situações vividas na infância, e se manifestam através de sintomas que produzem sofrimento psíquico. Dessa forma, depreende-se que existe relação da violência com a evolução ou aparecimento de transtornos, como problemas na autoestima, ansiedade, pânico (Romaro & Capitão, 2007). Desse modo, o sujeito não está preparado para lidar com o ocorrido e, com isso, procura maneiras de se desvincular do sofrimento advindo da experiência que ainda não pode ser simbolizada, sendo que as lembranças do ato violento experienciado produzem conflito frente ao retorno do recalçado e as atualizações do trauma apresentam seus rastros.

Em mais um trecho da notícia, a vítima descreve o autor da violência como um monstro que deve ser punido pelo que fez. Assim, é possível observar que, após ter consciência da violação de direito, ela passa a associar o malfeitor a um monstro: “Ele era um verdadeiro monstro. Gostaria muito que ele respondesse por isso e que nenhuma vítima passe por que eu passei” (“Em carta aberta”, 2023).

Segundo a teoria da fantasia, o infantil vai além do que já se foi visto, ouvido ou vivido na infância, já que as vivências infantis marcam o nosso psiquismo e, então, as vivências e sensações do adulto atravessam os caminhos do infantil (Freud, 1899/2006). A vivência da violência sexual por parte da vítima deixa uma marca que pode ser lembrada por barulhos,

odores ou toques, os quais se assemelham ao do agressor ou do ambiente, pois ficaram registrados na construção do psiquismo dela.

Dito isso, a palavra “rastros”, que se situa no título deste artigo, sustenta-se por representar as incidências deixadas pela violência sexual; a manifestação pelo rastro se apresenta em cada sujeito como um vestígio, uma marca registrada pelo sujeito. Os rastros perduram até a vida adulta, reverberando e causando sintomas que produzem sofrimentos que impactam a saúde mental de maneira significativa.

Trauma e a violência sexual infantil: rastros do traumático

“Eu falei para minha mãe e ela não acreditou” (“Em carta aberta”, 2023).

O trauma pode ser entendido como tudo o que nosso sistema nervoso tem dificuldade de extinguir por meio da reação motora ou do pensamento coerente (Freud, 1950[1895]/2006). Pode ser entendido que o trauma se refere a um sofrimento derivado de um acontecimento do passado; por exemplo, a violência sexual.

A criança, durante o seu desenvolvimento, demanda cuidado e, por isso, se assujeita ao que o ambiente tem a oferecer, seja cuidado e proteção ou violência e descaso, deparando-se na vivência de violência sexual com a ausência da proteção pressuposta. A experiência sexual precoce frente ao ato violento vivido durante o período do desenvolvimento psicosexual, em que a criança não tem a sua formação sexual maturada, apresenta-se como um engodo que impacta nas relações vinculares, que são relações entre um indivíduo e o objeto amado, imprescindíveis para a sustentação dos sujeitos frente à produção de laços sociais primordiais que promovem satisfação ao sujeito. Como a sexualidade infantil não está definida, a escolha do objeto sexual na violência sexual submete a criança, que é exposta à excitação genital, na qual ela não conhece e não está preparada psiquicamente para conhecer de forma integrada devido à antecipação do curso do desenvolvimento (Oliveira & Sei, 2014).

Para a Psicanálise, o corpo é fundamental para o entendimento do sujeito e de seus sintomas. Neste estudo, o foco é o trauma e seus rastros no sujeito. Na perspectiva psicanalítica, o corpo vai além da concepção biológica, é a influência do real, simbólico e imaginário na psique do sujeito. Ela enxerga o corpo como algo desejoso, com rastros das vivências do indivíduo e pelas aplicações libidinais apresentadas pelo local, comandado por suas hipóteses e impulsos (Ceccarelli, 2011).

Ao analisar casos de violência sexual, como a notícia citada no decorrer deste trabalho, pode ser observado que a vítima que convoca a análise de sua ação psíquica, mais precisamente nos primeiros pontos da formação peculiar em que manifesta a relação com o autor da violência com o incômodo do estranhamento familiar representado pelo pai, ou seja, a figura que deveria proteger, viola, invade o corpo infantil, deixando marcas do horror frente ao encontro sexual irrepresentável. Assim como um recém-nascido, ela se encontra sem auxílio, desamparada, fato esse que é representado por meio da presença da postura da pessoa, de seus gestos e linguagem fácil, demonstrando o seu descontentamento pelo traumático (Pohl & Neves, 2020). Nas brechas da rememoração, surge o sujeito desalienado da condição vivida na infância em busca de ressignificação.

Outro trecho valoroso para análise é o seguinte: “Só hoje, com quase 45 anos, é que despertou em mim a coragem de escrever esse relato perturbador e, ao mesmo tempo, libertador” (“Em carta aberta”, 2023). A vítima disse que apenas na vida adulta conseguiu falar e escrever sobre a violação sofrida na infância e que, ainda, sim, tem dificuldade em dizer sobre o ocorrido, mas, ao se pronunciar, ela consegue validar o seu sofrimento e, assim, sente-se livre e consegue fazer algo com o rastro deixado pelo acontecimento traumático.

Para lidar com as vivências e impressões que podem levar a lembrar e reviver um momento de trauma, a vítima cria uma couraça (Anzieu, 1989) para se amparar perante suas indesejadas informações psíquicas, as quais podem estar interligadas com uma excitação não detectável e alastrada, que pode se situar nesse indivíduo, trazendo terror para a vítima (Pohl & Neves, 2020).

Os conceitos freudianos de abandono fundamental são determinados por uma influência real e única da espécie humana, relacionada à falha das seguranças sobre o existir e à falta de preservação confiável perante as adversidades e sofrimento (Pereira, 1999). Então, a vítima se vê sem amparo diante de uma violência sexual, se vê abandonada, sem proteção perante a angústia causada por esse evento, quando ela não obteve ajuda e não conseguiu impedir tal ato.

Em um trecho importante da notícia em que a vítima conta que apenas após muitos anos em que ocorreram os abusos, já na vida adulta, foi que ela teve coragem de escrever sobre o ocorrido, o que denota a busca reparadora frente às violências que reverberam, sendo representadas pela narrativa que, ao mesmo tempo em que é perturbadora, produz efeito de libertação. Segundo Freud (1916-1917/2006), esse modelo de experiência parece roubar parte do interior do sujeito, pois, por anos, a vítima se viu presa ao trauma, ao acontecimento do passado, e, quando finalmente fala sobre o ocorrido, ela sente que se libertou, ou seja, ela consegue elaborar e dar significado para o acontecimento.

Analisa-se, nessa perspectiva, as elucubrações freudianas sobre os efeitos da violência sexual, que pode ser vista como uma situação traumática, uma vez o trauma é um excesso de estímulo, um acontecimento vivido pela psique do indivíduo que esta não consegue elaborar e pode acarretar efeitos negativos para a sua estruturação psíquica, pois a criança que sofreu violência sexual não consegue elaborar ou dar significado para o acontecimento (Freud, 1939/2014). A criança se vê em meio a adultos abusadores quando não encontra apoio e proteção; quando não tem crédito perante o que foi dito, depara-se com a invalidação de seu ser.

Outro conceito significativo para a compreensão psicanalítica do trauma é o “desmentido”, que se refere à resposta do outro perante a comunicação da experiência do trauma. Quando há alegação de que ocorreu algo, mas o outro negou a ocorrência de sofrimento, isso faz com que o traumático se torne mórbido (Ferenczi, 1934/1992, p. 79).

Retomando o trecho no início deste tópico, “Eu falei para minha mãe...”, a vítima recorre à mãe, pois localiza nela a figura que representa cuidado e proteção, aquela que protege e apresenta o mundo. Com isso, ao sofrer algo na ordem do traumático, a vítima procura por proteção na figura da mãe: “...e ela não acreditou”. Independentemente da motivação da mãe pela invalidação da palavra, ao não acreditar nos dizeres da filha, fica evidenciada a incidência do desmentido que transforma o sofrimento sobre as violências sofridas em algo insignificante ou desprovido de verdade.

A vítima relata pela carta que contou sobre a violência e a mãe não acreditou em suas palavras. Assim, ocorreu uma experiência do trauma, mais precisamente o desmentido. Quando não ocorreu a identificação ou a validação do sofrimento dela por parte da genitora, ocorreu apenas o questionamento se isso realmente aconteceu, menosprezando o sofrimento da vítima e, por isso, a mãe retira de si a responsabilidade da sua desatenção com a filha.

Entende-se como desmentida a falta de identificação e de legitimação da violência sofrida. Refere-se à desvalorização do sofrimento, da interpretação e da vivência do trauma dessa maneira, contestando o indivíduo. Ferenczi (1934/1992) apresenta a maneira como os adultos estão aptos a menosprezar a vivência e o sofrimento de uma criança, o desconhecimento da condição indefesa desse indivíduo. O principal ponto do trauma é o fato de que, para que ele ocorra, é necessária a desatenção com a figura infantil.

Segundo Ferenczi (1933/1992), a criança não tem compreensão da violência sofrida, uma vez que se verifica uma “confusão de línguas” entre o sujeito adulto e o infantil, quando ocorre um choque de diálogos nessa condição, visto que a criança não compreende a transmissão violenta do sujeito adulto. Nesse cenário, pela condição de inocência da criança, há a transmissão da raiva que assombra o infante pelo estado de desorganização produzido pela falta de sentido frente ao ato violento. Evidencia-se que a vivência de um acontecimento de tal característica, ocorrido entre as etapas da elaboração psicosssexual e influenciado por um enfático elemento desordenado, cria uma enorme perturbação mental, que se desdobra em uma divisão psíquica do indivíduo (Ferenczi, 1933/1992).

Um ser humano que foi apresentado a diversos acontecimentos traumáticos pode manifestar várias divisões psíquicas, como maneira de se proteger no decorrer do tempo, para conseguir recuperar um pouco de sua incorrupção mental (Ferenczi, 1933/1992). Apesar de a Psicanálise deferir o sexual no sujeito infantil, referindo-se a um indivíduo que busca prazer nos elementos, como na fase oral quando o sujeito tem o peito da mãe, não se deve entender que essa condição concorde com qualquer tipo de violência ou violação infringida contra o corpo infantil (Santos, 2021).

Em uma sociedade em que apenas os adultos têm voz, a fala da criança não tem lugar e pouco crédito, principalmente quando as vidas das pessoas do meio social e familiar da criança são atingidas pela demonstração e pela averiguação dos fatos (Ferenczi, 1933/1992). Em situações de violência sexual na infância, têm-se a prevalência de sentimentos de embate e a mesura dos mecanismos defensivos. O trauma traz, então, ações negativas sobre a construção psíquica da criança. Ele pode desencadear ataques prematuros ao Eu em forma diferida da configuração narcísica (Bokanowski, 2003).

Considerações finais

Diante do exposto, o presente trabalho reforça a relevância de compreender a intrincada interação entre trauma, violência sexual e o valor da abordagem psicanalítica. Ao analisar os fragmentos de um caso público de violência sexual na infância, buscou-se iluminar os caminhos pelos quais o traumático se manifesta na vida do sujeito adulto, desvelando os seus rastros.

A Psicanálise, enquanto arcabouço teórico, mostra-se fundamental para a compreensão das marcas deixadas pelo abuso sexual na infância, oferecendo fundamento para interpretar a forma como os rastros desse trauma reverberam na psique, moldando a subjetividade e influenciando as dinâmicas libidinais e objetais ao longo do desenvolvimento humano.

Destaca-se a importância de uma leitura de mundo que considere o sujeito em sua integralidade, não apenas o aspecto individual, mas também o seu contexto cultural e demais variantes sociais. O entendimento do trauma e da violência sexual não pode prescindir da análise do contexto familiar e de uma rigorosa análise das formas de “resolução” da violência, por exemplo, se houve reconhecimento da violência, denúncias e se a vítima conseguiu comunicar o seu sofrimento, reconhecendo-o como um elemento crucial no processo de cura e reconstrução da identidade das vítimas.

Ao longo deste estudo, emergiu a necessidade de ampliar o diálogo sobre a prevenção e intervenção em casos de abuso sexual na infância. A Psicanálise oferece uma lente única para essa compreensão, chamando a atenção para as intrincadas relações entre o inconsciente, as experiências traumáticas e o impacto social.

É importante ressaltar que pesquisas futuras podem aprofundar mais sobre o tema e levar mais entendimento sobre este para o público, dando mais visibilidade sobre a violência sexual na infância e seus impactos nas vítimas. É essencial falar mais sobre a violência sexual e como ela pode ser reconhecida: quais caminhos podem ser tomados para que se tenha um corte nessa violência; quais são as medidas tomadas para ajudar a vítima; e fazer o acolhimento de seu sofrimento, proporcionando o início de um processo de cura, em que será permitido dar voz, legitimidade e suporte para que a vítima consiga elaborar o seu trauma.

Ademais, é primordial salientar a necessidade de políticas públicas que trabalhem sobre a sexualidade nas escolas, podendo contribuir, de maneira significativa, no reconhecimento e nas denúncias da violência sexual, levando em conta que a escola é um ambiente de transmissão cultural que atravessa a juventude.

Em última análise, este trabalho buscou não apenas lançar luz sobre a complexidade do tema, mas também instigar uma reflexão contínua sobre a importância de abordagens interdisciplinares e contextualizadas na compreensão e enfrentamento da violência sexual na infância. O conhecimento gerado por esta pesquisa pode contribuir para a construção de políticas públicas mais eficazes bem como para o aprimoramento das práticas clínicas e sociais no apoio às vítimas de trauma sexual, promovendo, assim, uma sociedade mais consciente e empática.

Referência

Anzieu, D. (1989). *O Eu-pele* (2a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Besset, V. L., Zanotti, S. V., Vieira, M. P., Costa, L. S., Silva, G. V. D., Brito, B. P. M., & Maluf, A. P. (2006). Trauma e sintoma: da generalização à singularidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 6(2), 311-331. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000200003

Bokanowski, T. (2003). Traumatisme, traumatique, trauma. Le conflit Freud / Ferenczi. *Société Psychanalytique de Paris*. <https://www.spp.asso.fr/textes/textes-et-conferences/>

- introduction-psychanalyse/2001-2002-realite-trauma-fantasme/traumatisme-traumatique-trauma-le-conflit-freud-ferenczi/
- Castro, Y. A., Neves, A. S., & Paravidini, J. L. (2023). O corpo adolescente e suas singulares vias do dizer. *Revista de Saúde Mental e Subjetividade*, 15(27), 1-13. <http://www.dx.doi.org/10.5935/1679-4427.v15n27.0007>
- Ceccarelli, P. R. (2011). Uma breve história do corpo. In E. Lage, & L. Tardivo (Orgs.), *Corpo, alteridade e sintoma: diversidade e compreensão* (pp. 15-34). São Paulo: Vetor.
- Conselho Federal de Psicologia. (2005). *Código de Ética Profissional dos Psicólogos. Resolução CFP n. 010/2005*. São Paulo: Casa do Psicólogo, CFP.
- Day, V. P., Telles, L. E. B., Zoratto, P. H., Azambuja, M. R. F., Machado, D. A., Silveira, M. B., Debiaggi, M., Reis, M. da G., Cardoso, R. G., & Blank, P. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25, 9-21. <https://doi.org/10.1590/S0101-81082003000400003>
- Denunciar violação de direitos humanos (Disque 100). (2023). *Rede de Assistência e Proteção Social*. Recuperado em 05/2/2025 em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/denunciar-violacao-de-direitos-humanos>
- Emcartaaberta,filhadenunciapaiporestuproinainfância:“Foramonzeanosdeabusosexual”.G1. <https://g1.globo.com/ce/ceara/cariri/noticia/2023/05/19/em-carta-aberta-filha-denuncia-pai-por-estupro-na-infancia-foram-onze-anos-de-abuso-sexual.ghtml>
- Faleiros, E. T. S., & Campos, J. O. (2000). *Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e de adolescentes*. Brasília, DF: Unicef.
- Ferenczi, S. (1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi. *Obras completas. Psicanálise IV* (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1933)
- Ferenczi, S. (1992). Reflexões sobre o trauma. In S. Ferenczi. *Obras completas. Psicanálise IV* (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1934)
- Ferrari, D. C. A., & Vecina, T. C. C. (2002). *O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática*. São Paulo: Ágora.
- Figueiredo, M. F. S. A. (2010). *Educação em Saúde sob a percepção do usuário da Estratégia Saúde da Família em Montes Claros, Minas Gerais*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Montes Claros, Minas Gerais, Brasil.
- Freud, S. (2006). As neuropsicoses de defesa. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 25-39). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1894)
- Freud, S. (2006). Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 16, pp. 1-148). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1916-1917)
- Freud, S. (2006). Esboço de Psicanálise. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 89-109). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923)
- Freud, S. (2006). Lembranças encobridoras. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, Salomão, J., Trad., pp. 333-358). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1899)

- Freud, S. (2006). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 38-92). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930)
- Freud, S. (2006). Projeto para uma Psicologia científica. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 213-305). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1950[1895]).
- Freud, S. (2006). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar (Breuer e Freud). In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 2, pp. 19-29). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1893)
- Freud, S. (2006). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14, pp. 44-64). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914)
- Freud, S. (2014). *O homem Moisés e a religião monoteísta* (R. Zwick, Trad.). Porto Alegre: L&PM. (Obra original publicada em 1939)
- Gabel, M. (1997). *Crianças vítimas de abuso sexual*. São Paulo: Summus.
- Guerra, A. M. C. (2010). Psicanálise e produção científica. In F. Kyrillos Neto, & J. O. Moreira (Orgs.), *Pesquisa em Psicanálise: transmissão na universidade* (pp. 130-145) Barbacena: EdUEMG.
- Habigzang, L. F., & Caminha, R. M. (2004). *Abuso sexual contra crianças e adolescentes: conceituação e intervenção clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2006). Psicanálise, ciência e ficção. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 55-79. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100004&lng=pt&tlng=pt
- Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. (1990, 13 de julho) Estatuto da Criança e do Adolescente. Presidência da República. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm
- Lei n. 12.015, de 7 de agosto de 2009. (2009, 7 de agosto). Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o art. 10 da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do art. 50 da Constituição Federal e revoga a Lei no 2.252, de 10 de julho de 1954, que trata de corrupção de menores. Presidência da República. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12015.htm
- Lei n. 12.527, de 18 de novembro de 2011. (2011, 18 de novembro). Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Presidência da República. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm
- Masson, J. M. (Ed.). (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Ministério da Saúde. (2023). *Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde: Um passo a mais na cidadania em saúde*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, Secretaria de Assistência à Saúde.

Oliveira, R. P.; Passos, C. F. & Hayeck, M.

- Novo boletim epidemiológico aponta casos de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil. (2023). *Ministério da Saúde*. Recuperado em 05/2/2025 em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/novo-boletim-epidemiologico-aponta-casos-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-no-brasil>
- Oliveira, M. D., & Sei, M. B. (2014). Abuso sexual e as contribuições da Psicologia no âmbito judiciário. *Barbarói*, 41(2), 4-22. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v2i41.3732>
- Paravidini, J. L. L. (2016). Constituição do campo da pesquisa em Psicanálise na universidade: a clínica e o método de investigação. In J. L. L. Paravidini, L. M. C. Barone, L. Herrmann, & M. R. Miranda (Orgs.), *Psicanálise em Perspectiva: marcas e traços na universidade*. (pp. 55-74). Uberlândia: EDUFU.
- Pereira, M. E. C. (1999). *Pânico e desamparo: Um estudo psicanalítico*. São Paulo: Editora Escuta.
- Pohl, K., & Neves, A. S. (2020). Uma leitura psicanalítica sobre o corpo e as ressonâncias da violência sexual na infância complementar. *Tempo psicanalítico*, 52(1), 187-215. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000100008
- Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016. (2016, 7 de abril). Ministério da Saúde. [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/Maria Carolina de Andrade Freitas/2016/res0510_07_04_2016.html](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/Maria%20Carolina%20de%20Andrade%20Freitas/2016/res0510_07_04_2016.html)
- Reverberar. (2024) *OxfordLanguages*. Recuperado em 5/2/2025 em: https://www.google.com/search?client=opera&sca_esv=dc598d9fff289246&cs=0&q=reverberar
- Rodrigues, M. S. (2022). *Violência sexual incestuosa: uma análise psicanalítica sobre as marcas traumáticas na família*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.390>
- Romaro, R. A., & Capitão, C. G. (2007). *As faces da violência: aproximações, pesquisas, reflexões*. São Paulo: Vetor.
- Santos, M. B. (2021). As contribuições de Sandor Ferenczi acerca da violência sexual infantil. *Revista Práxis Psicanalítica*, 1(1), 1-17. <http://dx.doi.org/10.53900/praxan.v1n1.005>
- Silva, J. M., & Fontenele, L. B. (2019). A noção de defesa na teoria e na técnica de Sándor Ferenczi. *Estilos da Clínica*, 24(2), 195-204. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i2p195-204>

Traumatic trace: reverberations of childhood sexual violence on adults

Abstract

This article is based on concerns about the impacts of the trauma of sexual violence experienced in childhood and its consequences in adult life. As an object of study, we present the investigation of a letter published in open media access to information whose victim managed, in adult life, to denounce the perpetrator of sexual violence, in which the plot of his report brought the possibility of analyzing the discursive elements aiming at the theoretical elucidation of the notion of trauma through reading the psychoanalytic theory of Freud and Ferenczi. The objective was to expose theoretical constructions about trauma from the psychoanalytic perspective initiated with the study of hysteria carried out by Freud, seeking to understand the traumatic traces of sexual violence in the psychic organization of the subjects, above all, considering the developments and symptomatic manifestations in the life of the adult victim of sexual violence in childhood. In this way, the analysis of the published letter, which gives voice to the subject, is situated as an object for accessing the unconscious supported by the perspective that all research in psychoanalysis is clinical, even if the field is not clinical, as it supports the method of research that promotes access to understanding the impacts of trauma on the psyche. Research in Psychoanalysis made it possible to trace the singularity of the subject that promotes the problematization that is relevant to understanding the social phenomenon of sexual violence and its implications in clinical practice. In this scenario, it proved to be essential to understand the reverberations in adult subjects regarding sexual violence experienced in childhood, placing emphasis on the effects of denial, on the defense mechanisms created unconsciously by the victim to try to deal with the traumatic event, expanding the perspective of analysis for understanding of the subject and his symptoms for the redefinition of the remainder that persists from the trauma, the traces of the traumatic event.

Keywords: Traumatic trace, Psychoanalysis, Childhood sexual violence

Traces traumatiques: réperbérations de la violence sexuelle infantile sur les adultes

Résumé

Cet article s'appuie sur des préoccupations concernant les impacts du traumatisme des violences sexuelles vécues dans l'enfance et ses conséquences dans la vie adulte. Comme objet d'étude, nous présentons l'enquête sur une lettre publiée dans les médias ouverts à l'information dont la victime a réussi, dans sa vie adulte, à dénoncer l'auteur de violences

sexuelles, dans laquelle l'intrigue de son rapport a apporté la possibilité d'analyser le discours des éléments visant à l'élucidation théorique de la notion de traumatisme à travers la lecture de la théorie psychanalytique de Freud et Ferenczi. L'objectif était d'exposer les constructions théoriques sur le traumatisme dans la perspective psychanalytique initiée avec l'étude de l'hystérie réalisée par Freud, en cherchant à comprendre les traces traumatiques de la violence sexuelle dans l'organisation psychique des sujets, surtout en considérant les développements et les manifestations symptomatiques. dans la vie de l'adulte victime de violences sexuelles dans l'enfance. De cette manière, l'analyse de la lettre publiée, qui donne la parole au sujet, se situe comme un objet d'accès à l'inconscient soutenu par la perspective que toute recherche en psychanalyse est clinique, même si le domaine n'est pas clinique, car il soutient la méthode de recherche qui favorise l'accès à la compréhension des impacts du traumatisme sur le psychisme. La recherche en psychanalyse a permis de retracer la singularité du sujet qui favorise la problématisation pertinente pour comprendre le phénomène social de la violence sexuelle et ses implications dans la pratique clinique. Dans ce scénario, il s'est avéré essentiel de comprendre les répercussions chez les sujets adultes de la violence sexuelle vécue dans l'enfance, en mettant l'accent sur les effets du déni, sur les mécanismes de défense créés inconsciemment par la victime pour tenter de faire face à l'événement traumatisant, en élargissant la perspective de l'analyse pour la compréhension du sujet et de ses symptômes pour la redéfinition du reste qui persiste du traumatisme, les traces de l'événement traumatique.

Mots-clés: Traces traumatiques, Psychanalyse, Violence sexuelle sur les enfants

Huellas del trauma: reverberaciones de la violencia sexual em el sujeto adulto

Resumen

Este artículo se basa en las preocupaciones sobre los impactos del trauma de la violencia sexual experimentado en la infancia y sus consecuencias en la vida adulta. Como objeto de estudio, presentamos la investigación de una carta publicada en medios de comunicación de acceso abierto a la información cuya víctima logró, en su vida adulta, denunciar al perpetrador de violencia sexual, en la cual la trama de su reportaje trajo la posibilidad de analizar el discurso discursivo. Elementos que apuntan a la dilucidación teórica de la noción de trauma a través de la lectura de la teoría psicoanalítica de Freud y Ferenczi. El objetivo fue exponer construcciones teóricas sobre el trauma desde la perspectiva psicoanalítica iniciada con el estudio de la histeria realizado por Freud, buscando comprender las huellas traumáticas de la violencia sexual en la organización psíquica de los sujetos, considerando sobre todo los desarrollos y manifestaciones sintomáticas. en la vida del adulto víctima de violencia sexual en la infancia. De esta manera, el análisis de la carta publicada, que da voz al tema, se sitúa como un objeto de acceso al inconsciente sustentado en la perspectiva de que toda investigación en psicoanálisis

es clínica, aunque el campo no sea clínico, como sostiene. el método de investigación que promueve el acceso a la comprensión de los impactos del trauma en la psique. La investigación en Psicoanálisis permitió rastrear la singularidad del tema que promueve la problematización relevante para comprender el fenómeno social de la violencia sexual y sus implicaciones en la práctica clínica. En este escenario, resultó fundamental comprender las repercusiones en sujetos adultos respecto de la violencia sexual vivida en la infancia, poniendo énfasis en los efectos de la negación, en los mecanismos de defensa creados inconscientemente por la víctima para intentar afrontar el evento traumático, ampliando la perspectiva del análisis para la comprensión del sujeto y sus síntomas para la redefinición del resto que persiste del trauma, las huellas del evento traumático.

Palabras clave: Huellas del trauma, Psicoanálisis, Violencia sexual infantil

Recebido em: 01/6/2024

Revisado em: 31/8/2024

Aceito em: 03/10/2024